

A CASA: MODOS DE FAZER DOCÊNCIA

Karina Rousseng Dal Pont ¹

Resumo

O que imagens da casa podem nos dizer dos lugares, tempos e espaços que habitamos com a pandemia de covid-19? Este texto apresenta exercícios de atenção realizados com um conjunto de imagens de espaços de estudo, pesquisa e docência enviados por professores e professoras. Esses exercícios com as imagens são modos de ter atenção ao mundo e às especificidades dos lugares nesse período da pandemia. Emanuelle Coccia e a noção de “revolução doméstica” nos fazem pensar o que a casa é, e como torna a vida possível na pandemia. Doreen Massey e o “sentido progressista de lugar” nos colocam nesse jogo entre um modo estático e outro processual de refletir o conceito de lugar. Jorge Larrosa e Karen Rechia afirmam a noção de “exercício” como um modo de ler e compreender a docência. Ao refletir sobre o conjunto de 39 imagens recebidas, com Georges Didi-Huberman, a noção de “montagem” e a relação com as “dessemelhanças” dão pistas de como escrever e agir com as fotografias. Essas imagens nos dão a ver pela experimentação com a escrita, a invenção de pequenas políticas de afeto e atenção com os lugares-casa e com a docência.

Palavras-chave: lugar; docência; imagens; exercícios de atenção.

THE HOME: WAYS OF DOING TEACHING

Abstract

What images of the house can tell us about the places, times and spaces we live in with the pandemic? This text presents attention exercises carried out with a set of images of study, research and teaching spaces sent by male and female professors. These exercises with images are ways of making us attentive to the world and the specificities of places in this period of the pandemic. To think with these questions, Emanuelle Coccia and the notion of “domestic revolution” make us think about what the house is, and what makes life possible in the pandemic. Doreen Massey and the “progressive sense of place” puts us in this game between a static and a procedural way of reflecting the concept of place. Jorge Larrosa and Karen Rechia argue with the notion of “exercise” as a way of reading and understanding teaching. When reflecting on the set of 39 images received, Georges Didi-Huberman and the notion of “montage” and the relationship with “dissimilarities” give clues on how to write and act with the photographs. These images make us see through experimentation with writing, the invention of small policies of affection and attention with home-places and with teaching.

Keywords: place; teaching; images; attention exercises.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: karinapont@ufpr.br. Agradecimento aos/as colegas professores e professoras que enviaram suas fotografias para que esse exercício e escrita fosse possível.



1. Introdução

“Uma casa, uma membrana entre o corpo e a noite
Um filtro para as formas do mundo (...)”.
Ana Martins Marques (2017).

Vivemos coletivamente um tempo estranho e brutal desde março de 2020. Pensar a casa como o lugar da docência e do estudo foi um convite a refletir sobre as relações com esse espaço e seus objetos. Foi necessário abrir espaços e tempos com/nos fazeres da casa, nas novas rotinas criadas quando deixamos de ir a escolas e universidades, de ter os abraços de amigos e familiares, quando a vida entrou em estado de suspensão por conta do coronavírus.

Ana Martins Marques nos leva a ressignificar outros sentidos para a casa e os modos de composição com seus objetos. Criamos com a casa “um filtro para as formas do mundo” (MARQUES, 2017, p. 20). Experimentamos os espaços da casa entre o trabalho e as tarefas domésticas. Dançamos na sala, regamos as plantas da varanda, observamos os pássaros em busca do néctar das flores que teimavam em brotar nos vasos. Atualizamos as séries, assistimos a muitos filmes, *lives*, aulas, e testamos na cozinha uma imensidão de receitas.

Criou-se com a casa uma “revolução doméstica” segundo Emanuelle Coccia (2020), “ao pensar a casa não mais como um espaço da propriedade e da administração econômica, mas como o lugar onde as coisas ganham vida e tornam a vida possível para nós”.

Buscamos atender Francesco Tonucci¹ e “tornar a casa o lugar de brincadeira e aprendizado durante a pandemia”. Para isso foi preciso reorganizar a agenda de trabalho com espaços para a brincadeira e buscar responder à pergunta mais presente de todas: “mamãe vai demorar?”. O lugar de estudo, do trabalho e preparação das aulas se mesclou às rotinas da casa. Diante das interrupções (sempre urgentes e necessárias), foi preciso um grande esforço para conseguir seguir no ritmo da leitura de uma tese, da escrita dos pareceres, da preparação para palestras, dos acompanhamentos de escrita dos orientandos e orientandas de TCC, da organização dos planos de aula para o ensino remoto – e ainda abrir um espaço para a escrita.

Frequentar esse espaço, escrever com o meio, como diz Ana Godoy. Escrever com o que se tem. Diante dessa rotina estranha e complexa, por onde começar? Como retornar e criar com a casa um lugar em que o pensamento, o estudo e a docência sejam possíveis?

Neste texto apresento parte de meus processos de pesquisa e escrita, daquilo que minimamente venho mobilizando nos últimos tempos para “tornar a vida possível” desde o início da pandemia: exercícios de atenção que venho construindo com a casa, seus objetos e as possíveis articulações com o estudo e a preparação para as aulas, cartografando gestos para docência a partir de um

¹ Para ler mais: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/05/18/francesco-tonucci-casa-como-lugar-de-brincadeira-e-aprendizado-durante-pandemia/> Acessado em 20/11/2022.



conjunto de imagens dos lugares de estudo e docência de professores e professoras e potencializando reflexões em torno dos “sentidos progressistas de lugar” (MASSEY, 2000).

As imagens serão tomadas pelo princípio da dessemelhança de acordo com Georges Didi-Huberman (2018). Ao apresentar estudos sobre o “Atlas Minemosyne”, de Aby Warburg, o autor afirma um saber lacunar e híbrido que um conjunto de imagens dessemelhantes nos possibilita a pensar e ler o mundo ocidental. Nesses estudos o objetivo nunca é sintetizar (criar conceitos), descrever (criar um arquivo integral) ou classificar (criar um ordenamento), mas procurar dessemelhanças nas relações entre as imagens.

Segundo o autor, “fazer surgir através do encontro das imagens dessemelhantes certas relações íntimas e secretas” (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 26). O que as imagens da casa e do lugar de estudos e docência teriam a nos oferecer sobre a educação?

Ao propor a produção de imagens e os exercícios de atenção derivados delas, criam-se desvios sobre tudo que pareceu se desfazer nesse período pandêmico e o que potencialmente continua a reverberar nos dias que seguem: as condições de trabalho docente, as relações com o estudo e o “ensino remoto”.

Como se fosse possível habitar uma fronteira entre a casa e o mundo lá fora e criar uma espécie de “refúgio”. O filósofo francês Dènetem Touan Bona (2020, p. 32) afirma que o refúgio “não está fora nem dentro de nós, está na dobradura do mundo e de si, de si e do outro”. Nessa dobradura, talvez seja possível experimentar esse tempo-espaco criado com a pandemia e refletir com as imagens sobre como podemos ser diferentes em nossas casas, na docência e na vida.

Imagem 1. A casa e o gato.



Fonte: Acervo da autora (2021).

2. "Home, is it just a word? Or is it something you carry within you?"

Ao propor a escrita e o exercício de pensamento com a casa, os modos da docência e pesquisa na pandemia, alguns temas mais duros se antecipam a essas reflexões. Pensar a casa como lugar seguro durante a pandemia é também problematizar situações socioeconômicas do país, como o déficit de moradia, as ocupações irregulares e os despejos acentuados pela perda de renda de milhões de trabalhadores e trabalhadoras.

A pandemia, combinada com o alto índice de desemprego, levou ao despejo de milhares de pessoas por falta de pagamento de aluguel. Isso por sua vez esbarra em questões fundiárias, como ocupações precárias que geram processos de reintegração de posse e que colocam mais pessoas em situações de risco e contágio.

Segundo Suely Rolnik, só na cidade de São Paulo "em ano pandêmico foram 28 remoções coletivas – cerca de 3 mil famílias – além de oito ameaças de remoções, 7,5 mil famílias" (2021). Isso tudo se agrava diante da inexistência de políticas públicas que pudessem suspender os despejos ou as reintegrações de posse.

Somos levados a pensar também sobre as pessoas que não têm ou nunca tiveram o que conhecemos como "casa". O filme "Nomadland"(2020), por exemplo, implode a ideia do que seja um lar ou uma casa. Andarilhos, sem-teto, nômades percorrem os espaços das cidades de um estado ou país sem um lugar fixo. Alguns carregam sua casa em carros, carroças, bicicletas. Outros carregam a casa com o corpo, e apenas isso.

A história de Fern (Frances McDormand), mulher que mora numa van, levando uma vida fora do que a sociedade convencional chamaria de "normal", é de uma beleza imensa, tanto pela fotografia, paisagens escolhidas para compor o itinerário percorrido pela personagem quanto pelas questões que aborda, como a precarização do trabalho e da moradia nos Estados Unidos. Logo no início do filme, a canção *Home is a question mark*, de Morrissey, ex-vocalista da banda The Smiths, aparece tatuada no corpo de outra mulher que se encontra na mesma situação de Fern. A canção diz: *Home, is it just a word? Or is it something you carry within you?*¹.

Quando analisamos as condições de moradia de grande parte da população brasileira que não passou por situações de despejo, qualquer possibilidade de isolamento dentro de casa foi impossibilitada pelo pouco espaço e grande quantidade de pessoas da mesma família que partilham esse mesmo lugar. Uma estudante da Universidade Federal do Paraná (UFPR) relatou que ela, a mãe e os dois irmãos haviam contraído covid-19 porque era impossível fazer o isolamento num apartamento pequeno de dois quartos e um banheiro. Além da falta de espaço, em comunidades mais periféricas a falta do saneamento básico impedia a higienização adequada e a aquisição de álcool gel e sabão.

¹ Tradução livre: "Lar é só uma palavra? Ou algo que você carrega dentro de você?". Para ouvir a música acesse: https://www.youtube.com/watch?v=mibfRI_TTHw. Acessado em 16 de jul. de 2021.



Destituídas do mínimo nessa relação entre coronavírus e capitalismo, essa é a parcela da população que Judith Butler, em seu texto “Traços humanos nas superfícies do mundo”, denomina de “vidas descartáveis”, pelas formas desiguais de exposição aos riscos: “Qual vida vale ser protegida?” (BUTLER, 2020).

Outra dimensão que se articula a essa relação entre pandemia e a casa foram os altos índices de violência doméstica e feminicídios. Quando a casa deveria ser abrigo e lugar seguro contra o contágio, para milhares de mulheres e crianças acabou se tornando cativo ou lugar da morte.

Nessas relações íntimas e políticas com a casa e suas estruturas precárias para conter a contaminação e a violência, precisamos levar em consideração também os modos como crianças, adolescentes e adultos encontraram um lugar para os estudos. Muitas vezes uma única mesa na casa era dividida entre refeições, o trabalho dos pais e a realização das tarefas e estudo das crianças, além de um único computador ou celular que também precisou ser compartilhado. A qualidade do acesso à internet nem sempre era suficiente também. Muitas crianças precisaram andar quilômetros para acessar a rede, colocando-se em risco para não abandonar a escola e os estudos.

Walter Kohan (2021), numa palestra recente, nos provoca a pensar: qual o sentido de educar quando a escola (e a universidade) se torna uma tela? O professor nos lembra que:

[...] a educação é um sentimento do tempo: um tempo da escuta; um tempo devagar; um tempo coletivo, comum, da amizade; um sentimento comunitário que se faz com o outro; um tempo da atenção ao mundo e um tempo presente, de algo que se oferece a alguém sem esperar algo em troca. (KOAHN, 2021)

Como pensar nesse “tempo presente” da educação e na organização das rotinas da casa para a constituição em um espaço de estudos? Uma colega pedagoga, professora dos Anos Iniciais numa escola pública de Florianópolis, ao me contar sobre a retomada das aulas híbridas, comentou que um aluno não estava fazendo as atividades no período em que tinha de ficar em casa. Ao conversar com o menino, descobriu que ele vivia numa casa com os pais e mais três irmãos. Ele e o irmão mais velho se revezavam cuidando dos mais novos enquanto o pai trabalhava e a mãe procurava emprego. Assim, disse ele: “não sobra tempo para fazer a lição em casa, professora”. O mesmo menino, nas aulas presenciais, perguntava o tempo todo: “que horas é o recreio, professora?”.

No final do primeiro semestre no qual ministrei aulas de forma remota na UFPR, os relatos dos/das estudantes sobre como avaliavam o semestre diziam que a rotina dos estudos foi uma motivação para seguir com a faculdade, da importância dos encontros síncronos com os/as colegas de turma, de como estavam aprendendo a estudar dessa forma remota. Porém, um estudante que esteve presente em todas as aulas síncronas, mesmo com pouca participação nos debates e conversas, escreveu que lamentava muito, pois não havia

aproveitado a disciplina como deveria porque estava em casa cuidando do avô e do irmão no horário das aulas, e que precisava dividir a atenção entre as aulas síncronas e os fazeres da casa, como almoço, limpeza e cuidados com o avô. Sobrava pouco tempo para estudar ou ter um espaço na casa para se concentrar nos estudos.

Imagem 2. A casa e Paulo Freire.



Fonte: Acervo da autora (2021).

Além dessas questões duras e que tocam as relações com a casa e com os modos de estudo, são histórias colhidas e compartilhadas que se misturam a tantas outras, mas que dizem muito sobre uma noção de "lar" apresentada por Emanuelle Coccia no texto "Revertendo o novo monasticismo global": "o lar é apenas onde há cuidado para algo e alguém" (COCCIA, 2020, s/p).

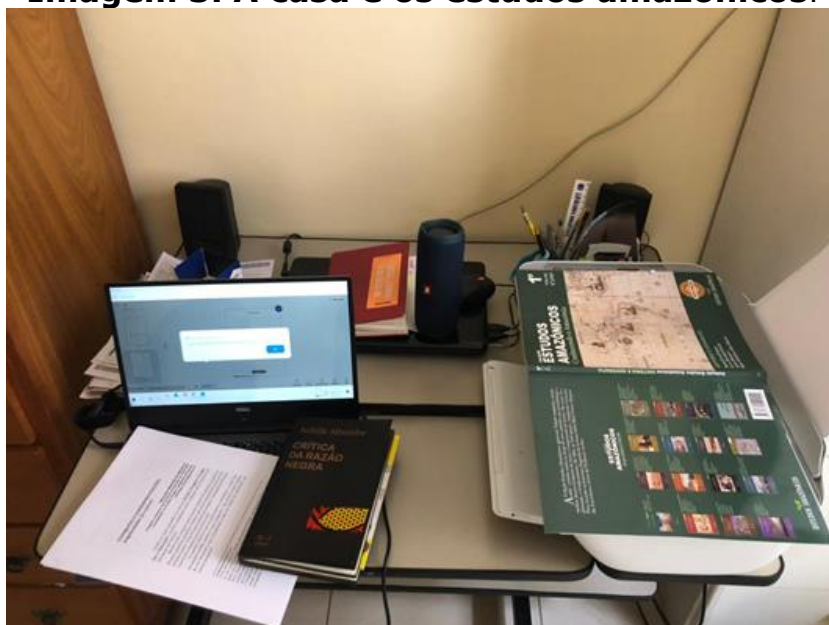
Nesse cuidado com "algo e alguém", o lar para Coccia se diferencia de uma ideia arquitetônica apenas de casa. O autor, ao longo do texto, nos convida a refletir as diferenças entre a casa como um "grande contêiner" que serve ao acúmulo de coisas e consumismo, numa perspectiva patriarcal, de certa ordem, organizações e funções das coisas e dos objetos. Para um pensamento outro, que ele define como "revolução da casa" quando esses mesmos objetos e espaços são tomados pela ordem dos afetos, e das marcas que deixamos nos impedindo de colidir com a superfície quadrada e geométrica da casa. "Dos objetos que abrem um espaço, que possibilitam o espaço, não apenas ocupam o espaço", diz o autor (COCCIA, 2020).

Nesse sentido, essa relação com a casa que Coccia apresenta se aproxima de um modo de organizar com os objetos da docência às nossas aulas. Daquilo que fazemos durante a pandemia, de como e o que oferecemos quando abrimos nossa casa para preparação e a oferta de uma aula. A noção de aula que trago é aquela que tem a ver com um lugar para a atenção compartilhada, é o lugar da voz, dos gestos, da escrita e escuta. Algo que dificilmente pode acontecer nas chamadas aulas assíncronas ou nos ambientes virtuais de aprendizagem.

A aula antecede o horário de início do encontro. Inicia quase como um processo intuitivo de criação com os objetos disponíveis na casa. Os textos, livros, imagens, trechos de filmes, músicas, a invenção dos exercícios, de uma disponibilidade e abertura. De uma exposição. E o oferecimento de uma presença. Maria Zambrano, citada por Jorge Larrosa na obra "Tremores", diz que

[...] existe um instante que antecede o gesto de começar a falar em uma aula. O mestre ocupa seu lugar, pega os livros na bolsa, ou escreve algo no quadro, e que antes de pronunciar qualquer palavra, o mestre percebe o silêncio da classe, que esse silêncio tem de interrogação e espera, e também de exigência. Nesse momento, o mestre cala um instante e oferece sua presença antes de sua palavra. (LARROSA, 2015, p. 81)

Imagem 3. A casa e os estudos amazônicos.



Fonte: Acervo da autora (2021).

No livro "P de professor", Larrosa (2018, p. 348) diz que existe um "jogo entre a presença do professor, da matéria de estudo e dos estudantes. Quando não há esse jogo de presenças que se convocam mutuamente, tudo é mecânico, um mero trâmite", uma aula é sempre "uma batalha pela presença contra a indiferença". A aula vira um "contêiner", como diz Coccia em relação à casa. Para bell hooks (2017, p. 21), a aula "é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia".

Esse sentido da presença e da resistência veio à tona quando nas aulas remotas câmeras e microfones ficavam desligados, quando encerrávamos um semestre sem saber ao certo quem esteve presente nas aulas síncronas e quando convocávamos a presença dos estudantes nas aulas. Larrosa segue dizendo que "convocar a presença é convocar uma certa reciprocidade, uma

certa responsabilidade, uma certa resposta. Somente a presença é capaz de convocar a presença” (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 349).

3. Exercícios de atenção com a casa, o lugar e as imagens

Venho chamando algumas experimentações com imagens em meus processos de pesquisa de “exercícios de atenção”. Aqui a noção de “exercício”, tomada de Jorge Larrosa e Karen Rechia (2018), é aquela da Grécia antiga, na qual se colocavam os atletas e soldados nos ginásios em preparação para a competição ou guerra. Um exercício para o aperfeiçoamento físico e espiritual, pois onde se praticavam os exercícios físicos também eram realizadas lições de filosofia.

Como na escola e na universidade não estamos competindo nem vamos à guerra, os “exercícios escolares devem conceber-se como ginásticas da atenção”, dizem Larrosa e Rechia (2018, p. 33). Trata-se de um combate ao efeito arrasador das tecnologias da distração. Contra tudo que impede a experiência e a presença, esses exercícios têm a ver com a seleção e oferta de materialidades ao estudo que tensionam um modo de colocar os sujeitos mais atentos ao mundo. Têm a ver com a generosidade, ao oferecermos um tempo, um espaço e materialidades para o estudo. Incita-se o olhar, deixando-o atento, fazendo o corpo e o pensamento deslizarem pelas práticas e imagens consolidadas na educação.

É interessante pensar em como propor esses exercícios, ainda mais quando oferecemos nossas aulas das nossas casas, de lugares minimamente organizados para que algo possa ser colocado em diálogo para pessoas que não conhecemos, que não encontraremos no café da universidade, ou na biblioteca. A aula que acontecia na sala, no quarto, na varanda de nossas casas, e das casas dos/das estudantes.

Imagem 4. A casa e o mundo lá fora.



Fonte: Acervo da autora (2021).

Procurando investigar e criar alguns “exercícios de atenção” com esses lugares, em agosto de 2021 foi enviada por e-mail uma convocatória a professoras e professores da educação básica e do ensino superior, solicitando que fizessem duas fotografias de seus locais de estudo e docência em casa. Uma fotografia poderia ser em plano aberto horizontal, e outra de algum detalhe que mais lhes chamasse atenção nesse espaço.

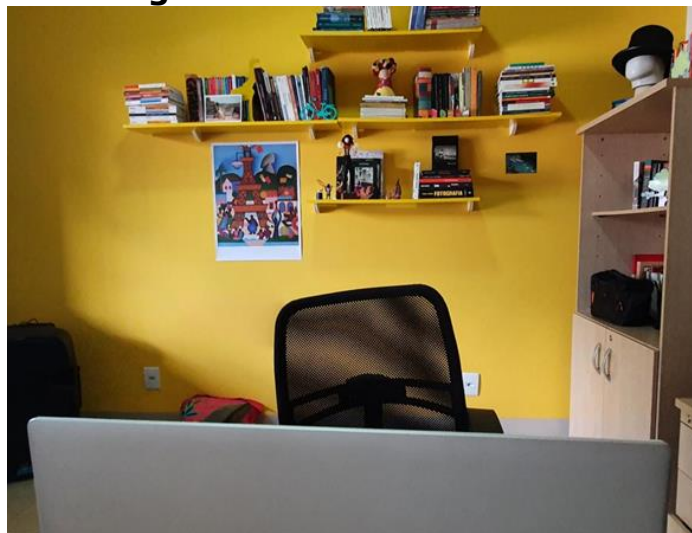
Recebi 39 imagens de lugares diversos em suas composições. Espaços da casa transformados em escritórios, com estrutura mais elaborada, quartos que dividiam o espaço de trabalho com o lugar de dormir, espaços transitórios ou de passagem pela casa de alguém. Foi possível imaginar com esses espaços-imagens como os corpos se dispõem, quais livros estariam lendo antes de uma aula, ou a organização de um plano de ensino.

Antes de ligar o computador, será que escreviam os textos em papéis? Quais gestualidades compuseram suas aulas quando ligavam as câmeras?

Ao propor esse exercício, a ideia era compor um arquivo com essas imagens da docência e as desmembrar aos poucos numa espécie de montagem e desmontagem, um caminho para um fazer sensível. Percorrer esses espaços, observá-los, olhar pelas brechas, buscar detalhes. Habitar esses lugares, fazer um inventário dos objetos apresentados, escrever com essas imagens, agir e pensar com elas.

Segundo Didi-Huberman (2018, p. 20), é preciso explorar com as imagens uma “abertura aos possíveis ainda não dados. Seu princípio e motor é a imaginação (...) um conhecimento transversal que nos é oferecido por sua potência intrínseca de montagem”. Ao mesmo tempo, deve-se ampliar uma compreensão sobre os sentidos do lugar na pandemia como processos cujas especificidades são reproduzidas continuamente: “em vez de pensar o lugar como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais (...) um sentido do lugar que é extrovertido” (MASSEY, 2000, p. 184).

Imagem 5. A casa em amarelo.



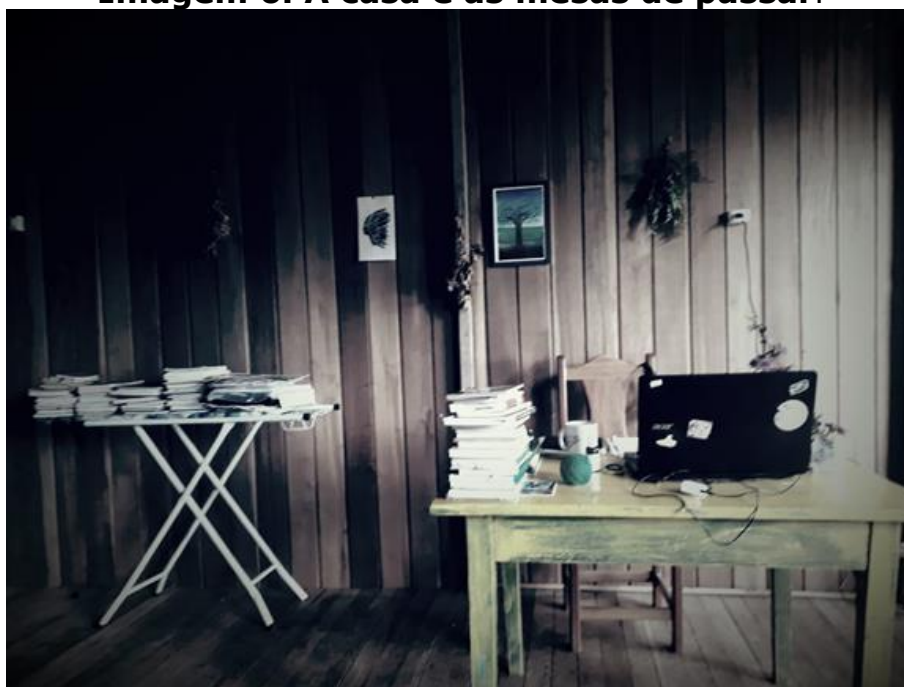
Fonte: Acervo da autora (2021).

4. Afirmar um povoamento com a casa

Durante esse período em casa, acompanhei palestras, publicações sobre a educação, filosofia e arte que pudessem de alguma forma mobilizar questões que carrego para a pesquisa e docência. Nessas leituras e produções, as professoras da Universidade Federal do Tocantins Amanda Leite e Renata Ferreira lançaram uma convocatória chamada "Pausa na Rede". Dessa convocatória foram publicadas duas edições em formato de revista com mais de 300 artistas, que apresentaram experiências e percepções vividas em distanciamento social. De forma recorrente a casa e os modos de ocupá-la, percorrê-la, experimentá-la surgiam em vídeos, fotografias, videoartes, instalações. Na primeira edição conheci o trabalho de Tatiana Boudakian, "Um poema/duas poesias". Um vídeo com narração de um poema de Ana Martins Marques, que está no livro "Como se fosse a casa"¹.(MARQUES, 2017, p. 24).

A composição das imagens e o modo como o poema se espalha pela sequência apresentada oferecem ao espectador um jogo de luz e movimento que se dão entre os espaços do chão de madeira do apartamento, pela luz do sol entre os dois edifícios, pelo espelho que reflete o fora estando dentro da casa. Os cabelos esvoaçando pela janela aberta, o movimento do corpo e da panela de pressão. Poéticas da casa e do corpo que se instauram nesse encontro do poema com as imagens, que nos fazem pensar nessa relação que estabelecemos entre a exposição das nossas casas ao ensino e ao estudo.

Imagem 6. A casa e as mesas de passar.



Fonte: Acervo da autora (2021).

¹ Para ver o vídeo acesse: <http://www.festivaldominuto.com.br/pt-BR/contents/48346> . Acessado em 23 de agosto de 2022.

A arte, segundo a professora Luciane Loponte (2014, p. 664), “traça novos mapas estéticos e desconcerta as nossas provisórias certezas [...] ao olhar atentamente sobre o que dizem essas produções sobre nós mesmos e sobre o tempo em que estamos vivendo”.

Desse trabalho de Tatiana Boudakian, lembrei da instalação vista no Instituto Inhotim, “Desvio para o vermelho: Impregnação, Entorno, Desvio”, do artista Cildo Meirelles, composta por três ambientes. O primeiro é um espaço que parece com uma casa com todos os objetos reconhecíveis, porém pintados de vermelho. Os objetos da casa não ocupam apenas o espaço, mas possibilitam o espaço, como diz Coccia em seu texto. Os objetos são personagens que compõem aquele espaço.

Imagem 7. “Desvio para o vermelho: Impregnação, Entorno, Desvio”, do artista Cildo Meirelles (1967-1994).



Fonte: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/desvio-para-o-vermelho/>
Acesso em: 10 dez. 2022.

A casa e seus objetos, os modos como os artistas transformam esses objetos comuns, cotidianos, em “objetos propositores” remetem a Lygia Clark, como provocadores de pensamentos e sensações. Desde “A fonte”, de Duchamp, em 1917, os “ready mades” compõem de diferentes formas os trabalhos artísticos. Potencializados pela pop art, para além de um suporte estético, a apropriação dos objetos da cultura compunha críticas ao capitalismo selvagem e à sociedade do espetáculo e do consumo.

No Brasil, o trabalho de Nelson Lerner, desde o início dos anos 1960 com a “assemblage” e a apropriação de objetos populares, entrava nos espaços da arte dotado de ironia acerca das relações humanas, capitalismo, exploração da fé, entre outras temáticas. Bispo do Rosário é outro artista que pela justaposição de materiais e bordados compunha seus trabalhos. Usava canecas de alumínio, botões, colheres, madeira de caixas de fruta, garrafas de plástico, calçados,

reassignificando-os. Ao transpor a serventia ou utilidade dos objetos, o artista “transvê” e transforma esses mesmos objetos.

Em casa, em nossas rotinas sempre nos perguntamos e percorremos os espaços buscando os objetos pelas suas funções, ordens e utilidades. Dificilmente olhamos para esses objetos e o buscamos pelo que ele não é, ou para que não serve. Mas como provocar desvios na casa e olhar para esses espaços e objetos como parte de nossos exercícios para a docência?

Imagem 8. A casa e os livros.



Fonte: Acervo da autora (2021).

Nesses desvios, e longe de ter alguma pretensão artística senão essa do “exercício” como preparação para algo, como diz Jorge Larrosa, as imagens enviadas são possibilidades de imaginar como os corpos se dispuseram nesses lugares durante as aulas e sua preparação. Quais objetos dispunham sobre elas, como operavam com esses objetos durante as aulas? Liam trechos de livros? Faziam anotações em cadernos? Escreviam à caneta ou a lápis? Como recebiam os/as estudantes?

Nas aulas presenciais existe um ritual, desde entrar na sala, escrever alguma coisa no quadro, ligar o projetor, abrir o diário, escrever informações imprescindíveis para as próximas aulas, anotar o que é dito pelos estudantes, percorrer o espaço, deslizar entre carteiras e cadeiras, olhar as feições dos/das estudantes, ouvir o burburinho do corredor. Mas em casa como são construídos esses rituais?

Fomos de alguma forma habitando uma fronteira entre os espaços públicos e privados, constituindo um entrelugares. Ao abrir nossas câmeras, nossa casa

era exposta. Um convite, mesmo que silencioso, era feito para estarem nesse lugar conosco, exercitando a atenção e a presença, qualidades imprescindíveis numa aula. Mas como garanti-las se o que víamos muitas vezes eram bolinhas com fotografias dos rostos dos inscitos na disciplina?

Era possível, nos raros momentos em que algumas câmeras se abriam para uma pergunta ou comentário, visualizar um armário ao fundo, pessoas passando por trás da cadeira, pôsteres colados na parede, um fogão, uma pia e uma geladeira. Ouvíamos sons como o carro do sonho passando ou os filhos chorando porque queriam o colo da mãe que apresentava seu trabalho. Gatos passando em frente à câmera, cachorros latindo, a luz do sol entrando pela janela do quarto. Cortinas que precisavam ser fechadas ou abertas, afirmando assim, um povoamento com a casa.

Por isso essas imagens dos espaços da docência são constituidoras de um “reservatório de imagens para invenção”, como afirma Silvio Ferraz (2014, p. 6). Invenção que se dá pela construção de exercícios de atenção para percorrer as imagens. Deslocar-se. Inquietar-se. Parar. Olhar. Observar. Apreciar. Contemplar. Achar estranho. Encantar-se. Surpreender-se. Silenciar. Escrever.

Imagem 9. A casa e a rede.



Fonte: Acervo da autora (2021).

5. Considerações finais

O livro escrito por Jean Genet “O ataliê de Giacometti” (2000), com belíssimas fotografias do espaço de trabalho do escultor, desenhista e pintor suíço, foi um dos disparadores para esse exercício, assim como o vídeo de Tatiana Boudakian. As observações precisas e fragmentadas de Genet sobre o espaço e os processos de criação de Giacometti nos colocam nesse diálogo com os objetos, que em sua solidão criam espaços infinitos, ao mesmo tempo que “irradia uma espécie de amizade dos objetos e que eles nos dirigem um pensamento amigável”.

Essa é a essência da proposta de Coccia (2020) com a “revolução doméstica”, e outra noção de “lar” e da relação com os objetos da casa: “os objetos, as coisas existem quase como sujeitos, como seres menores que nos olham e dialogam conosco. Um lar é chamado de espaço em que todos os sujeitos existam como sujeitos (sejam estes humanos ou não)”. Para Jean Genet (2000, p. 48):

Essa capacidade de isolar um objeto e de fazer afluir nele suas significações próprias, únicas, só é possível pela abolição histórica daquele que olha (...) se olho para o armário a fim de saber afinal o que ele é, elimino tudo o que ele não é. E o esforço realizado me transforma num ser curioso: esse ser, esse observador, deixa de estar presente, e até de ser observador presente: recua incessantemente um passado e um futuro indefinido. Ausenta-se dali para que o armário permaneça, e para que entre o armário e ele se extingam todos os laços utilitários.

É possível percorrer com o texto e as imagens de Genet as paredes, o chão, a poeira deixada pelo gesso, os desenhos que sobem as paredes, as garrafas amontoadas pelos cantos, as esculturas do ateliê. Giacometti não deixava a esposa limpar ou retirar o pó desse espaço, pois ele dizia que tudo ali tinha um peso e uma razão de existir, “um excesso de vida acumulada”.

Podemos seguir pensando com as imagens enviadas por professores e professoras, que em nossas casas um excesso de vida foi acumulado nesse período em que permanecemos isolados devido ao vírus. Portanto, o exercício de atenção com as imagens tratou de fazer surgir do encontro entre elas possíveis relações “íntimas e secretas” (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 26). Essas imagens nos dão a ver pela experimentação com a escrita, a invenção de pequenas políticas de afeto e atenção com os lugares-casa e com a docência.

Imagem 10. A casa-porão.



Fonte: Acervo da autora (2021).

Um espaço da casa para preparação das aulas e do estudo como um ateliê para o artista. Universos remotos compostos pelos/com os objetos, plantas e animais que por ele circulam. Pouca bagunça, tudo muito organizado. Livros, cadernos de anotações, lápis, canetas, papéis, brinquedos, fotografias, copos, garrafas, xícaras, espelhos, mapas, disquetes. “Descolonização do inconsciente”.

A transmutação de uma tábua de passar em mesa que acolhe dezenas de livros. Gambiarras elétricas que oferecem a luz e energia para fazer vibrar uma vida possível no espaço. Gambiarras para apoiar um computador. Fotografias de crianças, de lugares que não percorremos mais, se misturam a lembretes de contas a pagar. “Esse é meu espaço transitório”, alguém me disse.

A bagunça sobre a cama denuncia a pressa em procurar algum objeto ou texto perdido que poderia ser aproveitado para aula. “Estudos amazônicos”, “Crítica da razão negra”, “Os vagabundos eficientes”, “Mal-estar”, “Arte”. Um nome, Maria Alice. O pequeno príncipe. Uma mesa com papéis sem um computador. Muitas mesas com computadores. O tapetinho de ioga. A rede que atravessa as paredes nos faz lembrar que para escrever e preparar uma aula é preciso um corpo.

Um macaco nos olha atentamente, um gato percorre livros. Plantas se espriam pelo espaço, abrem caminho, abrem o espaço. Espaço-plantas. Criam um lugar. Para Emanuelle Coccia, “ela é sempre a forma mais intensa e radical, mais paradigmática do estar-no-mundo”. Poucas plantas, poucos animais, muitos livros. Paulo Freire nas mesas e nas estantes nos lembra que para educar é preciso ética e estética. Duas fotos com corpos. Um pedaço da mão sobre a mesa de frente para o computador e o mouse. Mãos compõem a gestualidade de uma aula.

Imagem 11. A casa e Brecht.



Fonte: Acervo da autora (2021).

KOHAN, WALTER. **Educar em tempos de pandemia?**

https://www.youtube.com/watch?v=8mQ_dyTRwo8. Centro de Estudos Avançados da UFRJ, 28 de abril de 2021.

LARRORA, Jorge; RECHIA, Karen C. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LOPONTE, Luciana Grupelli. Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para docência. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 643-658, jul./dez. 2014.

MARQUES, Ana Martins; JORGE, Eduardo. **Como se fosse a casa (uma correspondência)**. São Paulo: Editora Relicário, 2017.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. *In*: ARANTES, Antônio A. (org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p.177-185.

ROLNIK, Raquel. Pandemia aprofundou crise de moradia, diz colunista. **Jornal da USP**. <https://jornal.usp.br/radio-usp/pandemia-aprofundou-crise-de-moradia-diz-colunista/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

Recebido em: 19 de dezembro de 2022.
Aceito em: 10 de setembro de 2023.
Publicado em: 16 de novembro de 2023.

